



Sonetos Amorosos

2/11

XXI

**Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as penas ordenando,
O verso sem medida, alegre e brando
Espedindo no rústico raminho.**

**O cruel caçador (que do caminho
Se vem calado e manso desviando),
Com pronta vista a seta endireitando,
Lhe dá no Estígio lago eterno ninho.**

**Destarte o coração, que livre andava,
(Posto que já de longe destinado),
Onde menos temia, foi ferido.**

**Porque o Frecheiro cego me esperava,
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.**



Sonetos Amorosos

2/11

XXII

Pede o desejo, Dama, que vos veja,
Não entende o que pede; está enganado.
É este amor tão fino e tão delgado,
Que, quem o tem, não sabe o que deseja.

Não há coisa, a qual natural seja,
Que não queira perpétuo o seu estado.
Não quer logo o desejo o desejado,
Só porque nunca falte onde sobeja.

Mas este puro afeito em mim se dana,
Que, como a grave pedra tem por arte,
O centro desejar da Natureza.

Assim meu pensamento, pela parte,
Que vai tomar de mim, terrestre, humana,
Foi, Senhora, pedir esta baixeza.



Sonetos Amorosos

2/11

XXIII

Porque quereis, Senhora, que ofereça
A vida a tanto mal como padeço?
Se vos nasce do pouco que eu mereço,
Bem por nascer está quem vos mereça.

Entendei que, enfim, por muito que vos peça,
Que posso merecer quanto vos peço;
Que não consente Amor que em baixo preço
Tão alto pensamento se conheça.

Assim que a paga igual de minhas dores
Com nada se restaura; mas deveis-ma,
Por ser capaz de tantos desfavores.

E se o valor de vossos servidores
Houver de ser igual convosco mesma,
Vós só convosco mesma andais d'amores.



Sonetos Amorosos

2/11

XXIV

Se tanta pena tenho merecida
Em pago de sofrer tantas durezas,
Provai, Senhora, em mim vossas cruezas,
Que aqui tendes uma alma oferecida.

Nela experimentai, se sois servida,
Desprezos, desfavores e asperezas;
Que mores sofimentos e firmezas
Sustentarei na guerra desta vida.

Mas contra vossos olhos quais serão?
É preciso que tudo se lhes renda;
Mas porei por escudo o coração.

Porque em tão dura e áspera contenta,
É bem que, pois que não acho defesa.
Com me meter nas lanças me defenda.



Sonetos Amorosos

2/11

XXV

Quando o Sol encoberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta e duvidosa
Ao longo de uma praia deleitosa
Vou na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi os cabelos concertando
Ali com a mão na face, tão formosa
Aqui falando alegre, ali cuidosa
Agora estando queda, agora andando.

Aqui esteve sentada, ali me viu,
Erguendo aqueles olhos, tão isentos
Aqui movida um pouco, ali segura.

Aqui se entristeceu, ali se riu,
Enfim, nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vã, que sempre dura.



Sonetos Amorosos

2/11

XXVI

Um mover de olhos, brando e piedoso,
Sem ver de quê; um riso brando e honesto
Quase forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso;

Um despejo quieto e vergonhoso,
Um repouso gravíssimo e modesto
Uma pura bondade, manifesto,
Indício da alma, limpo e gracioso;

Um escolhido ousar, uma brandura,
Um medo sem ter culpa; um ar sereno,
Um longo e obediente sofrimento.

Esta foi a celeste formosura,
Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.



Sonetos Amorosos

2/11

XXVII

Tomou-se vossa vista soberana
Adonde tinha as armas mais à mão,
Por mostrar a quem busca defesa
Contra esses belos olhos, que se engana.

Por ficar da vitória mais ufana,
Deixou-me armar primeiro da Razão;
Cuidei de me salvar, mas foi em vão,
Que contra o céu não vale defesa humana.

Mas porém se vos tinha prometido
O vosso alto destino esta vitória,
Ser-vos tudo bem pouco está sabido.

Que, posto que estivesse apercebido
Não levais de vencer-me grande glória,
Maior a levo eu de ser vencido.



Sonetos Amorosos

2/11

XXVIII

Formosos olhos que na idade nossa
Mostrais de Céu certíssimos sinais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhai-me a mim, que sou feitura vossa.

Vereis que de viver me desapossa
Aquele riso com que a vida dais,
Vereis como de Amor não quero mais,
Por mais que o tempo corra e o dano possa.

E se dentro nest'alma ver quiserdes,
Como num claro espelho, ali vereis,
Também a vossa, angélica e serena.

Mas eu cuido que só por não me verdes,
Ver-vos em mim, Senhora, não quereis,
Tanto gosto levais de minha pena.



Sonetos Amorosos

2/11

XXIX

O fogo que na branda cera ardia,
Vendo o rosto gentil que eu n'alma vejo,
Se acendeu de outro do desejo,
Por alcançar a luz que vence o dia.

Como de dois ardores se acendia,
Da grande impaciência fez despejo,
E, remetendo com furor sobejo,
Vos foi beijar na parte onde se via.

Ditosa aquela flama, que se atreve
A pagar seus ardores e tormentos
Na vista de quem o mundo tremer deve.

Namoram-se, Senhora, os Elementos
De vós, e queima o fogo aquela neve
Que queima corações e pensamentos.



Sonetos Amorosos

2/11

XXX

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claros e frescos águas de cristal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos.

Silvestres montes, ásperos penedos,
Compostos em concerto desigual,
Sabei que, sem licença de meu mal,
Já não podeis fazer meus olhos ledos.

E, pois já me não vedes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem águas que correndo alegres vêm.

Semearei em vós lembranças tristes,
Regando-vos com lágrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.



Sonetos Amorosos

2/11

XXXI

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seio,
Outras tantas de um áspero receio
Salteado, Laurénio a cor perdia.

Ela, que a Sílvia mais que a si queria,
Para podê-lo ver não tinha meio
Ora, como curar o mal alheio
Quem o seu mal tão mal curar sabia?

Ele, que viu tão clara esta verdade,
Com soluços dizia, (que a espessura
Comovia, de mágoa, a piedade):

“Como pode a desordem da Natura
Fazer tão diferentes na vontade
A quem fez tão conformes na ventura?”



Sonetos Amorosos

2/11

XXXII

**Oh! como se me alonga, de ano em ano,
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
Este meu breve e vvão discurso humano!**

**Vai-se gastanto a idade e cresce o dano,
Perdeu-se-me um remédio, que ainda tinha,
Se por experiência se adivinha,
Qualquer grande esperança é grande engano.**

**Corro este bem que não se alcança,
No meio do caminho me falece,
Mil vezes caio, e perco a confiança.**

**Quando ele foge, eu tardo; e na tardança,
Se os olhos ergo a ver se inda aparece,
Da vista se me perde e da esperança.**



Sonetos Amorosos

2/11

XXXIII

Já é tempo já que minha confiança
Se desça de uma falsa opinião,
Mas Amor não se rege por razão,
Não posso perder, logo, a esperança.

A vida sim; que uma áspera mudança
Não deixa viver tanto um coração,
E eu só na morte tenho a salvação?
Sim; mas quem a deseja não a alcança.

Forçado é logo que eu espere e viva.
Ah! dura lei de Amor, que não consente
Quietação numa alma que é cativa!

Se hei-de viver, enfim, forçadamente,
Para que quero a glória fugitiva
De uma esperança vá que me atormente?



Sonetos Amorosos

2/11

XXXIV

Amor, com a esperança já perdida,
Teu soberano templo visitei;
Por sinal do naufrágio que passei,
Em lugar dos vestidos, pus a vida.

Que queres mais de me mim, que destruída
Me tens a glória toda que alcancei?
Não cuides de forçar-me; que não sei
Tornar a entrar-me onde não há saída.

Vês aqui alma, vida e esperança,
Despojos doces de meu bem passado,
Enquanto quis aquela que eu adoro.

Nelas podes tomar de mim vingança,
E se ainda não estás de mim vingado,
Contenta-te com as lágrimas que choro.



Sonetos Amorosos

2/11

XXXV

Tomava Daliana por vingança
Da culpa do pastor, que tanto amava,
Casar com Gil vaqueiro; e em si vingava,
O erro alheio e pérfida esquivança.

A descrição segura, a confiança
As rosas que seu rosto debuxava,
O descontentamento lhas secava,
Que tudo muda uma áspera mudança.

Gentil planta disposta em seca terra,
Lindo fruto de dura mão colhido,
Lembranças d'outro amor e fé perjura.

Tornaram verde prado em dura serra,
Interesse enganoso, amor fingido,
Fizeram desditosa a formosura.



Sonetos Amorosos

2/11

XXXVI

Grão tempo há que já soube da Ventura
A vida que me tinha destinada,
Que a longa experiência da passada
Me dava claro indício da futura.

Amor fero, cruel, Fortuna dura,
Bem tendes vossa força experimentada,
Assolai, destruí, não fique nada
Vingai-vos desta vida, que inda dura.

Soube Amor da Ventura que a não tinha,
E, porque mais sentisse a falta dela,
De imagens impossíveis me mantinha.

Mas vós, Senhora, pois que minha estrela,
Não foi melhor, vivei nesta alma minha,
Que não tem a Fortuna poder nela.



Sonetos Amorosos

2/11

XXXVII

Se somente hora alguma em vós piedade,
De tão longo tormento se sentira,
Amor sofrera mal que eu me partira
De vossos olhos, minha Saudade.

Apartei-me de vós, mas a vontade,
Que por natural na alma vos tira,
Me faz crer que esta ausência é de mentira
Porém venho provar que é de verdade.

Ir-me-ei, Senhora; e neste apartamento
Lágrimas tristes tomarão vingança
Nos olhos de quem fostes mantimento.

Desta arte darei vida a meu tomento
Que, enfim, cá me achará minha lembrança
Sepultado no vosso esquecimento.



Sonetos Amorosos

2/11

XXXVIII

Lindo e subtil trançado, que ficaste
Em penhor do remédio que mereço,
Se só contigo, vendo-te, endoudeço,
Que fora cos cabelos que apertastes?

Aquelas tranças de ouro que ligaste
Que os raios do Sol têm em pouco preço,
Não sei se para engano do que peço,
Se para me atar, os desataste.

Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfação de minhas dores,
(Como quem não tem outra) hei-de tomar-te.

E se não for contente meu desejo,
Dir-lhe-ei que, nesta regra dos amores,
Pelo todo também se toma a parte.



Sonetos Amorosos

2/11

XXXIX

**Apolo e as nove Musas, descantando
Com a dourada lira, me influíam
Na suave harmonia que faziam,
Quanto tomei a pena, começando:**

**“Ditoso seja o dia e hora, quando
Tão delicados olhos me feriam!
Ditosos os sentidos que sentiam
Estar-se em seu desjo traspassando”.**

**Assim cantava, quando Amor virou
A roda à esperança, que corria,
Tão ligeira que quase era invisível.**

**Converteu-se em noite o claro dia
E, se alguma esperança me ficou,
Será de maior mal, se for possível.**



Sonetos Amorosos

2/11

XL

Lembranças saudosas, se cuidais
De me acabar a vida neste estado,
Não vivo com meu mal tão enganado,
Que não espere dele muito mais.

De muito tempo já me costumais
A viver de algum bem desesperado,
Já tenho com a Fortuna concertado
De sofrer os trabalhos que me dais.

Atada ao remo tenho a paciência
Para quantos desgostos der a vida;
Cuide quantos quiser o pensamento.

Que pois não há i outra resistência
Para tão dura queda de subida,
Aparar-lhe-ei debaixo o sofrimento.